

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE JULHO DE 1917

ANO II—N.º 26

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$00 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 550 ANO 7\$00
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)—TEL. 2337-C.—LISBOA

O RELATORIO DA REPARTIÇÃO DE TURISMO

TEMOS presente o relatório do Director d'esta Repartição, referente ao ano economico 1915-1916.

Na sua leitura analisa-se bem quão elevada é já a obra d'aquella Repartição, e as luctas que tem sustentado com a inercia de uns e a má vontade de outros.

O sr. Dr. José d'Athayde, diz-nos, n'esse bem elaborado documento, tudo o que a sua Repartição fez, e o que tentou fazer. E pena é que a sua tenacidade não seja melhor comprehendida, no nosso meio de tão acanhadas vistas. A exemplo citaremos uma passagem da nota preliminar, sobre a Torre de Belem, em que o sr. Dr. Athayde vendo-a desaparecer sob um manto negro de fumo, regista com magua:

[Que a Catedral de Louvain e de Reims caíam em bocados! São crimes hediondos que para sempre recairão sobre os povos que os cometeram. Mas é a guerra! Mais hediondo porém, mil vezes, o que não pode alcançar perdão na História é o acto abominável duma geração assistir impassível, à espera duma solução jurídica duvidosa, que um dos seus mais belos monumentos, um dos seus mais gloriosos padrões que o passado lhe confiou, caia miseravelmente em ruínas. No emtanto esse crime sem nome está-se perpetrando numa indiferença quasi glacial.

Quanto a mim, como tive a honra de declarar numa das reuniões do Conselho em que tal assunto se ventilou, só o Parlamento pode acudir ao mal, aprovando uma lei que autorize o Governo a negociar com a Companhia do Gás e Electricidade a remoção das incómodas fábricas para outro sitio e a satisfazer à necessária indemnização.

Pois apesar da sua tenacidade e dos esforços do Conselho de Turismo,

a famosa torre manuelina está prestes a cair n'uma derrocada de desmazelo.

Trata depois o digno director da Repartição de Turismo, da remodelação do Conselho, em que deseja ver colaborar as forças vivas do Paiz; os representantes das repartições, das associações e empresas a quem directamente interessa o turismo, e todos os que emfim podem fazer alguma coisa com intelligencia e vontade, em prol d'essa rica industria.

Entrando na materia da obra da sua Repartição, o sr. Dr. Athayde dá conta dos seus esforços para a educação dos correctores dos hoteis do Porto, e do exame de interpretes e guias-interpretes, em que viu o seu trabalho coroado de um relativo exito.

Tambem a repressão da mendicidade, foi motivo de largo estudo e de medidas postas em pratica não dando infelizmente o resultado que era de esperar.

Trata tambem, e largamente, da questão dos hoteis; da necessidade de se modernisarem os actuaes e de se construir novos, cheios de conforto e em que nada haja inferior aos do estrangeiro; e termina, referindo-se ao congresso hoteleiro que se realizou em Abril ultimo, que, como os nossos leitores sabem, deu um resultado mais que li-songeiro.

A 5.ª parte do relatório vem consagrada a varios outros factores de turismo cuidados pela Repartição, dos quaes destacaremos: o aquecimento das carruagens dos caminhos de ferro do Minho e Douro, que o Director d'aquellas linhas prometeu providenciar; a estação postal de Matosinhos

a pedido da Associação Commercial d'aquella Vila; tendo a Repartição de Turismo, conseguido da Direcção Geral dos Correios e Telegraphos, que fosse melhor instalada a referida estação postal, sendo ainda proposito d'esta Direcção, fazer construir ali um edificio, em estilo portuguez, para esse effeito, a fim dos estrangeiros, ao desembarcar em Leixões, terem ensejo de admirar um edificio puramente nacional.

Sobre a janela da casa em que morreu Colombo, tambem o Conselho de Turismo chamou a atenção da Camara Municipal do Funchal para não deixar perder esta joia historica; ao que a mesma Camara respondeu — que era seu desejo adquiril-a para a guardar n'um museu que tencionava abrir.

Muitos outros assumptos são ainda tratados no mesmo relatório, um d'eles pelo seu interesse, não deixaremos de lhe fazer referencia, é o das novas estações dos nossos caminhos de ferro, para o que a Repartição insiste que se adopte o estilo portuguez; dando já conta da aquiescencia ao pedido pelos Caminhos de Ferro do Estado, que mandou construir n'esse estilo as novas estações da linha do Vale do Corgo.

Os projectos, que são muito elegantes, veem reproduzidos no relatório, e publical-os-hemos n'esta Revista, n'um dos proximos numeros.

Como se vê, esta Repartição, dentro da sua esphera vital ocupa-se com convicção e intelligencia dos assumptos que lhe compete, e muito ha a esperar, não só da ponderação e saber dos dignos membros do Conselho de Turismo, como do seu intelligente director sr. Dr. José d'Athayde, que, como aqueles, não descansa um só momento.



*A comemoração
do primeiro aniversario
da REVISTA DE TURISMO*

CONSTITUIU uma verdadeira consagração o primeiro aniversario da *Revista de Turismo*.

E', pois, com intimo regosijo e legitimo desvanecimento que registamos esse facto, representativo para nós — os que, n'esta espinhosa e, por vezes, aspera missão, temos empregado o melhor do nosso esforço — d'uma gloria só comparada com o exito que a *Revista de Turismo* tem conseguido alcançar.

Perdõe-se-nos a imoestia; mas a colaboração, inserta no nosso ultimo numero, com que nos distinguiram os vultos mais importantes no meio turistico portuguez; as felicitações que de toda a parte nos foram endereçadas e as provas de estima, de apreço e de consideração que — quer pelo correio, quer pessoalmente — nos foram manifestadas, atestam-no por maneira bem frisante.

Não devemos, porem, deixar de salientar as demonstrações de solidariedade e de congratulação feitas pelos nossos colegas da imprensa e ainda as que, com um requinte de antiga amabilidade, nos endereçaram muitos dos nossos assignantes e a sympathica Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Ao nosso respeitavel e bom amigo Sr. Cruz Magalhães — esse devotado admirador do grande artista que foi Bordalo Pinheiro, reconhecidos agradecemos a gentileza da sua visita, que muito nos penhorou; e a todos que nos felicitaram pelo nosso aniversario e que, mais uma vez, nos dirigiram palavras de entusiasmo e de conforto, e tambem aos que muito nos auxiliaram n'esta lucta de um ano sem treguas, aqui consignamos a expressão do nosso perdoavel reconhecimento.

Portugal em cinema

CONTINUA pelo norte do Paiz, a cinematographar as nossas paisagens e os nossos monumentos, o sr. Anatole Tiberville, enviado especial da casa Gaumont.

A' data das ultimas noticias estava em Vila Real e seguia para Pedras Salgadas e Vidago.

Deve depois ir a Tua e na volta a Lamego, S. Pedro do Sul e talvez ao Caramulo.

TURISMO... NACIONAL

Eu tenho para mim, que n'isto da apostolição do turismo como na das doutrinas moraes e luctas da civilização, o remedio deve começar... por casa.

Revelar a estranhos os encantos desconhecidos da nossa terra, apregoar pelo mundo as belezas magnificentes das nossas paisagens e a magestade esplendorosa dos nossos monumentos d'arte, é, não ha duvida, impulsionar grandemente a internacionalização do belo, ultimo fim, aspiração suprema e transcendental do turismo. A Beleza não tem patria. E' patrimonio invariavel da Humanidade. A Beleza não envelhece. E' de todos os seculos. Quer ela se manifeste nas erupções espontaneas da Natureza quer se revele nas maravilhosas concepções da arte; na doce serenidade dos campos como na magestade empolgante dos mares, na intensidade esmagadora do infinito e na microscópica vitalidade do ente que rasteja; no colorido fascinante d'uma tela, na delicadeza rendilhada do marmore, na suavidade embriagadora d'uma harmonia ou no ritmo cadenciado d'uma estrophe, a Beleza pertence a toda a gente porque não é d'uma familia, não é d'uma raça, não tem berço nem patria o genio que a produziu. A familia é a raça do genio é a Humanidade: o seu berço, a sua patria: o Universo.

Revelar portanto a estranhos as belezas da nossa terra é como que rematar a cupula soberba d'um edificio grandioso.

Mas não basta.

Se estadear grandezas ante os olhos fascinados de estrangeiros a correr mundo em busca das emoções do belo é atrahi-los e prendel-os, patentear aos nossos essas belezas, mostrar aos proprios conferraneos essas maravilhas que todos os dias olham sem as ver um momento, é despertar-lhes na alma o amor por elas, é descerrar-lhes um thesouro que, confiado á sua guarda, deve ser com carinho conservado e protegido. Chamar, atrahir estranhos é muito: mas conservar o que temos de atrahente, tornar em atrahente o que temos de repulsivo, é de si já tanto que quasi, quasi me parece tudo.

Por este nosso Paiz em fóra, tão prendado de encantos, tão enriquecido de graças, ha muita beleza que se não conhece, muitas prendas que se não mostram. Namoram-nas estranhos que o acaso lhes mandou e desprezam-nas os seus que as tem em casa sem o saberem, sem darem por elas, malbaratando, por vezes, em arremetidas de inconsciente vandalismo verdadeiras maravilhas da arte e da natureza. Arrei-

gados a preconceitos que de longas eras lhes veem, n'uma errada interpretação do que seja os seus direitos e os seus interesses, ha povos que n'uma teimosia impertinente, reveladora d'uma grande ignorancia, impedem e destroem as transformações que a intelligencia do homem tentou em certas deformações que destoando do conjuncto natural põem um traço irregular de desharmonia no quadro d'uma paisagem. E porque? Porque lhes não fizeram sentir antes as vantagens e excelencias d'essas transformações.

Se d'uma serra descalvada e agreste, pedregosa e esteril quizermos fazer um monte vicejante de verdura plantando-a de arvores frondosas a estenderem, nos pincares dos seus montes elevados, os braços gigantes para o infinito, suavizando na diversidade de tons as asperezas duras da Natureza, é forçoso muitas vezes luctar contra povos que se julgam despojados de direitos, esbulhados dos seus interesses como se não fossemos deitar ao seio da terra o fermento de uma riqueza nova que havia de beneficiar a todos.

Se percorrermos os logares comuns do turismo nacional, não será difficil acharmos em cada um os traços, ainda frescos de atentados selvagens, de mutilações barbaras, que seriam de malvadez se as não desculpassem a ignorancia.

Ha por ali encantos de paisagens cujo alto valor se não aprecia, cuja utilidade se não aproveita e cuja existencia quasi se ignora porque dormem os cuidados dos que deveriam velar ou porque os amedronta o receio de virem a perder o que se lhes não pode tirar. E tudo porque?

Porque o nosso povo que aprecia as belezas estranhas pelos olhos dos que d'elas lhes falaram, não tem a educação pratica do verdadeiro turismo.

Por isso dizia eu, que n'isto da apostolição do turismo, como em muitas outras coisas, o melhor seria... começar por casa.

JORGE AFONSO

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

ARTE E LITERATURA

MOCIDADE!

CONSAGRAÇÃO DE MARIO DE MONTALVÃO

MOCIDADE!
 ... A minha?!... Como a vejo correr! Como ela vôa nas azas d'uma branca pomba, alando para o infinito do horizonte! E, todavia, sinto-a, ainda, animar-me, impulsionar-me, manifestar-se-me em tudo e para tudo, com o entusiasmo sonhador d'uma verdadeira infancia!

— Mas que sou?!

Uma creança. Vivo no alvorecer d'uma vida que é uma incognita, alimentado por ilusões, esperançado, talvez, em chiméras...

Hoje, sou o producto d'uma existencia concebida com entusiasmo, o êlo forte da cadeia conjugal, avigorada na santa religião da familia. Sou o filho, o ente querido por quem a soma dos sacrificios representa sempre a mais cara satisfação paterna. Sou a nesga de sol n'um dia de tempestade, a estrela brilhante que rutila na escuridão d'um ceu tenebroso, a sombra fagueira que amenisa o calor tropical.

Amanhã, serei a esperança que refrigerar, o motivo do ideal que incita; representarei, até—quem sabe!—a ambição, o desejo, a necessidade...

Depois...

— Depois, o futuro — a incognita!

Mas como as consequencias são derivadas da razão, atendamos a esta, na sua origem; bebamos o suco divino na sua nascente; avaliemos a obra pelo seu auctor.

O que nos dirá ella?

— Prescrutemos, pois, o livro em que ella se contém. Um dos capitulos diz:

— Como um botão surgindo á luz da madrugada em doce manhã de Abril, o filho sorriu no ambiente cor de rosa que o envolvia; e nas faces descoradas da mãe vigilante, o clarão verde-esperança da magnetica satisfação inundou de luz, de alegria, de regosijo a pequenina alma aconchegada ao tépido ambiente da propria existencia.

Sorriu, ainda, influenciado nos contos de fadas com que uma lua-nova o vinha suavemente embalar; gemeu, depois, sofrendo prematuramente as agruras

d'uma vida material, na inconsciencia das primicias d'um estado adolescente.

Cresceu, e identificou-se na sua razão de ser. A sua haste, vergontea agora, balouça-se aos sopros da briza. E' uma primavera que desabrocha. E' o clarão de matinal doirado pronunciando docemente a intensidade da luz d'um dia de sol resplandecente.

No seu estado de flor em botão representa a Mocidade — Mocidade! — Imagem de redempção, de vigor espirital! Aurora archi-flamejante d'um mundo de promettimentos! Raiar sereno da felicidade, no conforto d'um ditoso lar!

O seu caminho é a via lactea, sorrindo sempre — sorrisos que são claros de alegria, mimos da juventude.

Quando, pela manhãzinha, deixa o ninho em que as visões phantasticas a embalam, ella vae expandindo o seu contentamento, saltitante, gorgendo aqui e ali, dando vida e enchendo de inimitavel satisfação o ambiente em que se desenvolve.

No calor estival do Meio-Dia, ella procura, no mystico socego, embrenhar-se nos segredos da Natureza. — E escuta silenciosa o murmurar do ribeiro que corre... — E houve sobresaltada, o ciciar mimico da folhagem dos arvoredos...

Cahem as Ave-Marias. E ao som plangente das Trindades, ajoelha e ora. Nas suas preces vae todo o seu sabor angelical. O seu espirito, então, sente-se leve; acha-se reconfortado com o incenso, que o refrigera e o acalenta.

Descança, depois, pela calada da noite, exhausta dos seus folguedos, recolhendo-se ao abrigo das suas pétalas, que a defendem, que guardam toda a sua propria preciosidade!

Quadra bela da Natureza!

A primavera da vida é a melhor estação da humanidade, porque é n'ella que os sentidos se manifestam despreocupadamente; as ambições são simples desejos; os desgostos são ténues semsaborias!

Desenganos... Oh! os desenganos da mocidade!

Doze anos, quinze anos, dezoito anos! Tres étapes, trez pontos cardaes, trez marcos da mocidade!

Verdes anos — verde campo d'Abril, que as ilusões, como as flores, matissam: de inebriante colorido!

Ceu limpido de pura saphyra — fundo esperançoso de azul celeste!

— Mocidade! creanças! Abril da vida! Vinde a mim! aconchegae-me com o vosso calor — alimentae-me com a vossa alegria — embriagae-me com o vosso aroma!

— Como vos adoro.

Um inédito
de Bulhão Pato

(A minha querida amiga Emilia da Camara)

Entrámos no novo seculo
 Em hora desencontrada:
 Eu, Emilia, quasi á noite,
 Tu, ao romper da alvorada!

Tens na tua primavera
 As rosas da mocidade:
 Eu tenho-as no meu inverno,
 Transformadas em saudade!

Que mais?... a luz do sol posto,
 Na grata melancholia,
 Vale tanto ou vale mais
 Que a do sol em pleno dia!

Monte, J.º 1, 1901.

E' devido ao nosso amigo sr. Frazão de Vasconcelos que podemos oferecer aos nossos presados leitores a poesia inédita do falecido poeta Raymundo Antonio de Bulhão Pato que acima estampamos.



DECIMA

A. M. Z.

DE FRAZÃO DE VASCONCELOS

Vi Mariquinhas formosa
 E a seus pés cahi rendido,
 Admirei enternecido
 O rosto de leite e rosa,
 Mas da mão linda e mimosa
 Setas d'amor não sustive
 De fórma que logo tive
 Uma no peito cravada;
 Faz-me viver minh'amada
 Como vive quem não vive...

PAISAGENS PORTUGUEZAS

A NOSSA TERRA, O NOSSO CEU
E A NOSSA GENTE

SERRA DA ESTRELA. — UMA GARGANTA

“*E* Padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob braço, recolheu á Torre, vagarosamente, no silencio e doçura da tarde, rezando as suas Ave-Marias, e pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para os campos e casas adormecidos e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amavel, que sempre bemdita fosse entre as terras...”

Assim termina Eça de Queiroz as suas admiraveis paginas de *A Ilustre Casa de Ramires* em que, com a sua magia de estylo, soube encarnar em Gonçalo Ramires, esse typo nobre da nossa raça, cheio de qualidades, tão repleto de sonhos românticos, e tão invadido de defeitos que, a sua larga bondade e sua mística fé no futuro, fazem esquecer.

E atravez essas paginas de prosa sublime, veem desenhados com as suas mutiplas côres, os nossos vales onde os rios deslizam entre verduras, as velhas torres esquecidas nos cabeços, como paginas de historia, ouvindo os pinheiros murmurar orações pela felicidade da nossa terra; e essas velhas casas solarengas entre as hortas, onde a agua corre das fontes, sob os fetos, para ir na maciesa da tarde regar a terra ressequida dos calores fortes de Agosto.

Razão tinha Eça de Queiroz, ao escrever essas imorredoiras paginas, pois a nossa terra tão cheia de sol, tão largamente acariciada pelo mar, tão bem regada pelos rios, fios de prata liquida, e tão bem assombreada pelos pinheiros,

que formam a mais portugueza das nossas paisagens, é um recanto tão doce, para repouso das fadigas, para alegria da alma, que na terra não ha igual.

E assim, quem subir os pincaros do Caramulo, mar encapelado de pene-dias, cuja espuma é feita de ramagens, quem fôr a essa aspera Serra da Estrela, cujos picos alcantilados de neve se miram nas lagoas silenciosas, quem galgar o Marão, onde a alma nos foge em contemplações extasiantes pelas arribas do Paiz do Vinho, e pelas escarpas de Vila Real, ha-de por certo apeteecer, para aquelas alturas, vastos sanatorios erguendo ao ceu os seus pavilhões brancos, como passaes de velhas abadias, onde os pulmões, invadidos da poeira da cidade, vão repou-sar e enrijar com o ar puro da montanha.

Quem percorrer pelos comboios apressados do Douro, em cujo leite brota agua a ferver, para que o reumatismo nos deixe dilatar os nervos; e quem fôr até esse Vale de Vouga, onde o caminho de ferro, qual montanha russa, se equilibra com efeitos gymnasticos, para não desabar no rio, e quem descer até á margem do Vouga, onde brota a jorros agua, em 69 graus, ha-de por certo desejar para aquelas paragens não aqueles modestos hoteis, mas luxuosos Palacios, onde a par do tratamento, o hospede repouse sem saudades da sua casa, e para que essa estadia, repleta de conforto, lhe permita embriagar-se com a paisagem que desce da crista das montanhas, tão suave, tão arrebatadora, como só a Portugal é dado expôr ao doirado Phebo.

Mas a Natureza tão generosa, tão nossa amiga, deu-nos ainda, um sem

numero de nascentes de agua medicinal para cura de tantas doenças, e em tal profusão e abundancia que só elas com a paisagem que as cerca, podiam reter um tão elevado numero de aquistas e forasteiros, que tornaria Portugal, um paiz de grandes flutuações turisticas.

E como isso não bastasse a mesma Natureza, orlou o nosso formoso solo, com uma faixa enovelada de espuma, que o mar a desfazer-se em caricias vae sacudindo lentamente atirando beijos e sorrisos á areia loira, e ás esculpturas contornos dos juvenis banhistas, nas manhãs de brando sol de setembro.

Mas essa extensa praia, que tantos poetas cantaram e que tantos idyllios teem despertado nos corações meridionaes, está destinada a ser a praia de encanto onde virão embriagar-se de phantasias, as almas sonhadoras, e de-



- 1 — Portico da igreja de Viana do Alentejo
- 2 — Vila do Conde
- 3 — Paços do Concelho de Guimarães
- 4 — Cruz da Sé de Coimbra
- 5 — Igreja de Leça de Balio

leitar-se os espiritos avidos de sensações serenas e empolgantes.

E desde a praia da Povoia, dos românticos pescadores até á praia da Ro-

O TURISMO EM PORTUGAL

cha, das moiras encantadas, ha-de haver um dia, — bem cedo será, talvez, — um sem numero de hoteis de luxo, amorosamente confundidos com esses modernos solares que Teixeira Soares iniciou n'aquela recanto sagrado de Miramar, e cujo modelo vae alastrando, por essas praias, que viram

A transcripção que fizemos — no artigo publicado em o n.º 24 d'esta Revista — da introdução com que abre a criteriosa these apresentada ao ultimo

Congresso hoteleiro pelo illustre director do Sanatorio das Caldas de Monchique, sr. Dr. João Bentes Castel-Branco, proporcionou a este distincto homem de Sciencia o ensejo para endereçar á nossa Direcção uma amabilissima carta, na qual nos são feitas referencias que muito nos penhoram.

Nessa mesma carta, onde o sentimento patriotico se alia entusiasticamente á idéa do desenvolvimento do Turismo em Portugal, escreve o sr. Dr. Bentes Castel-Branco o seguinte periodo, que nos permitimos a liber-

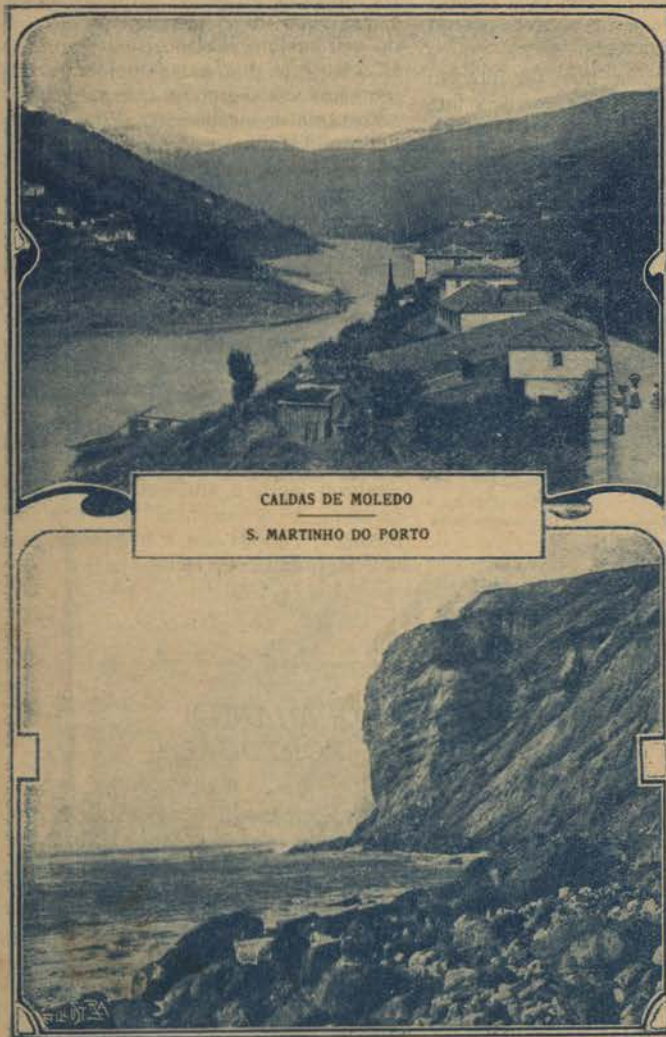
que se possa realizar um gradual e methodico progredimento do Turismo no nosso Paiz; e se bem que os seus artigos tenham sido simplesmente a resultante d'uma synthese genérica, eles teem, todavia, mostrado claramente os vicios que se podem corrigir, os defeitos que se devem emendar e as lacunas que é preciso preencher nos diversos ramos a que se teem referido.

Não nos abalançamos — nós proprios — a indicações precisas e concretas, nem tal ouzaremos fazer sobre a especialidade de cada factor subsidiario da industria do Turismo, porque isso seria ir além dos limites da nossa auctoridade e importar-nos-ia consequentemente, um desprestigio — por vaidade ou utopia — em que não é nosso intento lançar-nos. Porém, estas columnas honrar-se-hão sempre com a colaboração de quem, no que respeita a cada um dos assumptos que directamente se ligam com o desenvolvimento do Turismo em Portugal, lhes venha dar o concurso do seu sapiente e auctorizado parecer; o que — aliás — já tem succedido.

E são tão multiplos e variados os elementos que directa e conjugadamente devem agir para se obter um regular funcionamento da causa primordial, que a nossa apreciação não póde — como, de resto, se tem procedido durante a ainda pequena existencia da *Revista de Turismo* — ultrapassar o ambito d'um exame, mais ou menos detalhado, dos anachronismos, das anomalias ou das imperfeições que se nos depa-rem e que, em nosso modesto entender, se impõem á critica acerba de nacionaes e estrangeiros; competindo-nos, apenas, por essa razão, apontá-los ao conhecimento publico, para que se corrijam e emendem sob a influencia de quem tenha auctoridade para tal procedimento.

Assim temos guiado a nossa conducta, a qual merece do sr. Dr. Bentes Castel-Branco o maior aplauso, como orgulhosamente constatamos na sua carta a que nos estamos referindo.

N'ela ha, ainda, um outro periodo que se relaciona com a educação ou cultura da mocidade e na qual aquele insigne defensor do Turismo, confirma, por maneira incontroverso as idéas que expuzémos no artigo publicado em o numero 4 d'esta Revista, correspondente a 20 d'Agosto do ano passado. Ahi dissémos que emquanto a nossa educação não fosse refundida no sentido de se lhe dar uma orientação sã, proveitosa, pratica e fecunda, assente



CALDAS DE MOLEDO
S. MARTINHO DO PORTO

partir as naus da India n'uma tarde de sonho e de ventura.

Como um bom artista, que deixa no tecto de uma sala o remate do seu fulgurante talento, tambem a Natureza rematou este belo recanto da Europa, com um ceu tão azul e tão sereno, que o sol, na sua miragem na terra raro encontra uma nuvem que lhe embace as fulgurações. E a lua do nosso Ceu, tão candidamente branca não encontra em toda a orbe um povo tão investido de bondade, nem um rincão tão doce para mirar e revestir com os seus rendilhados de prata.

GUERRA MAIO

dade de transcrever:

«O mais interessante beneficio que «a Revista de Turismo pode prestar é «inserir uma série de estudos sobre o «que devem ser as industrias-mães do «turismo e sobre os processos de fo- «mentar o seu desenvolvimento.»

Sobre esta douta indicação — aliás muito respeitavel para nós — devemos dizer que a nossa Revista tem, quasi desde o seu primeiro numero, posto em destaque — no simples intuito de os fazer desaparecer — os obstaculos que no seu caminho tem encontrado para

no principio d'um futuro engrandecimento patrio, difficilmente se poderia estabelecer a base essencial para que a verdadeira industria do Turismo fosse um facto.

Ora essa base era então, e ainda hoje, a unica — a nosso vêr — d'onde devem irradiar todas as iniciativas, sobre que tem de assentar toda a marcha coordenada dos elementos que compõem esse grande edificio do turismo em Portugal.

Ela é a nossa nacionalisação — a nacionalisação dos nossos uzos e costumes, da nossa maneira de ser, de nos conduzirmos e de comerciarmos. E' absolutamente necessario, acima de tudo — e para que possamos de direito adquirir o culto do estrangeiro — mostrarmos-lhe que somos principalmente patriotas e portuguezes, e que na nossa terra • que elle pode e deve admirar são as obras e riquezas nacionaes, são as nossas originaes manifestações nas artes e nas industrias, nas sciencias e nas letras, nos uzos e costumes. Nos productos que lhe ofereçamos, na casa que lhe mostremos —

emfim, na singularidade do nosso apor-tuguezamente devemos — embora em tudo não se possa manter o estado nativo — conservar o mais possivel a sua especial caracteristica.

Esta nos parece a condição essencial para atrahirmos aqui os estrangeiros, para que elles nos apreciem como de justiça, e não nos qualifiquem não só de maus patriotas, como de pessimos imitadores.

Se alguma coisa nos fôr preciso imitar, que ella seja unicamente a fórma de os trazer aqui, de os fazer visitar o nosso Paiz, de lhe proporcionarmos os requisitos de conforto e de originalidade que elles não dispensam para ir a qualquer parte, para n'ela se demorarem, para a ela voltarem.

Assim, pois, necessario se torna que todos comprehendam e se compenetrem do seu dever: trabalhar na sua esfera de acção, unica e exclusivamente pelo engrandecimento da Patria, que é de todos.

José LISBOA

lhães reservou para esse fim, na sua linda vivenda.

E é tal o culto que esse nosso bom amigo dedica a tudo quanto tenha feito o Grande Artista Nacional ou lhe tenha pertencido, que—caso curioso—desde uma sua historica camisa até o monoculo e ás muletas—seu derradeiro amparo, todas as pequenas minudencias do seu singular viver, da sua genial arte ou do seu sublime espirito, se acham idolatradaamente guardadas por entre as inumeras consagrações que perpetuam a memoria do inesquecido vulto, d'essa luz glorificante que grandiloquentemente esmalta as paginas das Belas-Artes portuguezas!

Bem haja Cruz Magalhães pela sua apreciabilissima obra. Só lamentamos que a sua voz não chegue até aqueles que tinham por dever secundar a sua tão louvavel idéa, completando-a com outra consagração não menos justa, não menos de direito, não menos legitima — o levantamento d'uma estatua a quem, em vida, tão caracterisadamente classificou e descreveu, com a precisão do seu inegualavel lapis, o ambiente que o circundou, a atmospheria em que os *postigos* o rodeavam e invejadamente incensavam o seu saber.

J. L.

O MUSEU BORDALO PINHEIRO

UMA EXCELSA OBRA PATRIOTICA

PROPAGANDA DE PORTUGAL

UM dever de grata cortezia levounos, ha pouco, a retribuir a amavel visita de felicitações pelo aniversario d'esta Revista que nos foi feita pelo nosso bom amigo sr. Cruz Magalhães. E, aproveitando esse ensejo, percorremos, com o interesse d'um forasteiro, essa grande obra a que aquele inclito portuguez tem dedicado o melhor da sua energia, a sua mais entusiastica e devotada consagração: o Museu Bordalo Pinheiro.

Difficil é traduzir toda a nossa impressão, todo o intimo prazer que sentimos, desde que transpuzemos o limiar do portão que dá acesso a esse encantador sacrario d'arte, a esse archivo precioso da obra d'um dos mais completos — dos maiores artistas contemporaneos!

Raphael Bordalo Pinheiro — artista distincto que fosse em qualquer Paiz do Mundo sem ser n'este minuscuro canto do Occidente — não podia ter encontrado quem, mais acrisoladamente e com maior amor, fizesse a sua glorificação posthuma; quem com mais carinho e com fervente interesse dedicasse o melhor do seu esforço, a maior

parcela da sua actividade á incomparavel obra d'esse grande portuguez, d'esse imortal artista, d'esse inconfundivel genio!

Admirar o Museu Bordalo Pinheiro na sua valorosa installação, n'essa encantadora vivenda genuinamente nacional, que se ergue com bucolica poesia n'uma das alegres faces do magestoso Parque do Campo Grande, é conhecer um vivido trecho da Arte Portugueza; é levar ao espirito substanciosas paginas da historia Patria, no que legitimamente se poderá classificar de pitoresco, de humoristico, de critica real, como producto d'um espirito impressionista, d'uma observação incomparavel, d'um sentimento que só se alia á perfeição.

Todo o Museu é um escriptorio inestimavel da grande herança que Bordalo Pinheiro legou á Arte Portugueza. N'elle se admiram os seus trabalhos, desde o mais simples e despretençioso esboço, até a mais completa obra do seu saber; tudo, absolutamente tudo, se contempla interessadamente nas quatro elegantes salinhas que Cruz Maga-

A Sociedade Propaganda de Portugal acaba de organizar em Trancoso um posto de informações gratis para todos que desejem visitar aquella vila e a região da Beira. O sr. Henrique Faria Bravo, director da «Folha de Trancoso» e socio da mesma Sociedade presta-se a fornecer todos os esclarecimentos indispensaveis para aquellas excursões, e até um guia para visitar o que ha de mais interessante em Trancoso. Para ainda prestar o seu valioso concurso aos automobilistas que ali desejem ir, tambem fornece, sem remuneração alguma gazolina pelos preços da Vacuum.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

João Augusto Melicio

ACABA de desaparecer do numero dos vivos uma das suas figuras de destaque: João Augusto Melicio.

Todo o mundo o conhecia, toda a gente o estimava; e a nossa qualidade de seus dilectos amigos — em quem a morte do brilhante homem de letras deixa uma funta saudade — inibem-nos de, em tropos que uma pronunciada angustia tambem não nol'o permite, exharrar as modalidades do seu temperamento, que o tornaram querido e desejado, insinuante e respeitado.

Com a morte do illustre Director do *Jornal do Comercio e das Colonias* desaparece do jornalismo portuguez uma das suas mais prestigiosas figuras, um nome de realce, como era o de João Augusto Melicio.

— Que a terra lhe seja leve e que encontre no Além o socego justo a que os justos teem direito — são essas as nossas mais fervorosas preces.

A *Revista de Turismo*, de que João Augusto Melicio era um devotado amigo, curvando-se á dôr que a oprime, apresenta á desolada familia a expressão do seu mais sincero pezame e envia os seus sentimentos á illustre Redacção do *Jornal do Comercio e das Colonias*.

Photographia Firenze

Aconvite do sr. Badessi, socio tecnico d'esta photographia, fomos no dia 11, á sua inauguração, que se realisou pelas 3 horas da tarde, com assistencia do sr. Giuseppe Gazzera, secretario da legação de Italia, representando o respectivo ministro em Lisboa.

Na demorada visita que fizemos ao novo atelier a nossa admiração provocou-se logo á entrada pelos magnificos retratos que formam a exposição do vestibulo, e lá dentro na sala de visitas, onde Guerra Junqueiro, n'um soberbo retrato relevo-photographico, foi para nós um deslumbramento por tão artistico trabalho.

Pela sala ha uma variedade de exemplares que atestam bem o valor do artista sr. Badessi: são os magnificos retratos de Jorge V, Victor Hugo, Benedicto XV em excelentes

e nitidas ampliações; são os retratos a côres, d'uma flagrante semelhança; são tambem varios esboços a carvão.

Mas ainda o que mais reteve a nossa atenção, foram as poses que o sr. Badessi, impõe aos seus photographados, em que denuncia os seus magnificos dotes de artista.

Depois do novo atelier dispensou-se a luz solar, para só se fazerem operações, a fortes lampadas de 9.000 velas.

Todo o atelier dispõe dos mais modernos aparelhos.

Finda a visita foi oferecido aos convidados do sr. Badessi um delicado copo d'agua, brindando o illustre secretario da legação, pelo progresso da nova casa e pelo nosso Paiz, na pessoa do nosso redactor principal, que, n'um rapido improviso, agradeceu áquelles diplomatas os seus cumprimentos, fazendo votos pelas prosperidades da nação Italiana, a que chamou o templo sagrado da arte.

Com uma superior gentileza o sr. Gazzera lembrou aos assistentes, que entre Portugal e a Italia havia uma aliança de arte, pois, não era só um artista como o sr. Badessi, que vinha para Portugal, mas tambem os nossos emigravam para a Italia, e a proposito citou um grande architecto de apelido Sartos que n'aquelle Paiz deu largas ao seu profundo talento.

E' de esperar que o novo atelier de photographia, tendo á frente um artista como o sr. Cesar Badessi, diplomado pelas academias de Italia, tenha da parte dos amadores de arte uma recompensa ao seu esforço, e ao seu talento.

TRADICÇÕES POPULARES

A ROMARIA

Aromaria chegava ao mais subido ponto de animação e concorrência.

A capela, no alto do monte, via-se de muitos logares distantes, num circulo de antigas carvalheiras. D'ahi, no sentido da vertente para o sul, desciam aldeias, aglomeradas de casas, assim reunidas num proposito de reciproca defesa. Para o norte os terrenos montanhosos erguiam-se em grande extensão, subindo d'um modo gradual, e coroados no cimo de penedias.

Do lado da veiga, os campos verdes e as paredes caídas, sobressahiam com as suas claridades radiosas; na extensão da serra, os povoados eram formados de casas tsnadas pelos sóes, como os rochedos ha seculos infinitos expostos ao rigor de todos os tempos.

A capela, objecto de grande respeito e veneração dos montanhezes, era branca, semelhante á neve que no inverno se estendia em lençol finissimo por todos os pincares em redor.

Quando os habitantes dos miseros logares, de longe a viam, o pensamento religioso que lhe votavam era de submissa prece.

Desbarretavam-se, sorriam resavam pelo caminho, seguindo para o seu des-

tino humilde, que é pastorear gados ou remexer na terra ingrata para obterem o parco sustento quotidiano.

O sol esbrazeante d'este dia d'agosto, parecia capaz de resequir os proprios urzaes extensos, que matisavam as encostas com as suas fiorinhas rôxas e meudas.

Alguns campitos de milho que n'esta aridez se descobriam em pontos onde a agua ressumia, eram como pastas de tinta verde, cortando a severa monotonia das carquejas, tojos e piornos.

Pequenas devezas de carvalhos ras-teiros e de cerquilhos refrescavam a vista e a imaginação de quem fosse obrigado a contemplar por muito tempo aquela superficie severa, que parecia toda formada de velho granito.

Já de vespera e principalmente desde a manhã d'este dia, de todos os lados se vira um formigueiro de gente dirigindo-se ao devoto logar.

Pelo caminho cantavam canções ora mundanas e maliciosas, ora ao divino e n'uma toada sentimental. Em caravanas, como tinham partido das aldeias longiquas, o cesto merendeiro coberto pela toalha branca, atada com fita vermelha, caminhavam em grande algazarra, acompanhados pelo parochio, d'algun proprietario mais remedeado, pessoas ostentadamente montadas nas suas eguas lanzudas. As côres garridas dos lenços, a alvura das mangas das camizas de linho, bordadas nos punhos, a variedade das chitas alegres das saías, o andar desembaraçado e pimpão d'estas raparigas, de mistura com os namorados que levavam ramalhetes nos chapéus, acompanhando-as na cantoria com violas e clarinetes, davam á côr escura da montanha e ao silencio habitual d'aquella erno uma sumptuosa e estranha alegria. O interior das penedias parecia ter voz, e o terreno arenoso e esteril parecia ter-se transformado subitamente em jardim bem cultivado.

Quem estivesse ás trez horas da tarde, junto da pequenina e devota capela, havia de presumir que todo o ruído e contentamento do mundo ali se tivesse concentrado.

Por diversos caminhos e atalhos se sentira durante o dia identica animação. Havia diferença ainda assim nos que vinham do norte, da parte serra-na, d'onde a gente que descia era de si mais sombria e bronca.

Nem nos vestuários que eram escuros, nem nas canções, pois não cantavam, se pareciam estes habitantes das brenhas, com os da ribeira, creados entre milharas e vinhedos. Habitados á vida isolada, em parte pastoril, sustentando-se do leite das suas rezes, vestindo-se de lã que tosquiavam e fiam ao lume da urze, occupados no

cultivo do milho e batata que os alimenta e na industria do carvão que lhes garante o azeite e bacalhau, são de aspecto tristonho e pouco communicativos, desconfiam da gente que povoa a proximidade das vilas, a quem atribuem adiantamento em civilização, não compreendendo a alegria bulhenta e desassissada com que estes animam as danças e folgedos.

A disposição da romaria em volta da venerada capela era como a d'um enxame d'abelhas em volta do seu corição. O povo entrava e sahia pela pequena porta, andando em redor a orar, uns ajoelhados em posição penitente, outros em magotes erguendo clamores. Cumprindo este dever por aqueles que tinham feito promessa, entrava-se na vida commum e divertida. Havia modo de satisfazer o apetite.

Era como n'um acampamento accidental de soldados em manobras; barracas de comestiveis, que são tabernas ambulantes dispostas á sombra das frondosas carvalheiras que bracejam por sobre o terreiro, vendiam vinho, bacalhau frito e pão. A pipa lá estava em cima do carro d'onde se tinham tirado os bois, coberta de ramos como viera de casa, sahindo-lhe do ventre de foca, canecas de liquido espumante, que os da companhia passavam de mão em mão ao modo que se iam satisfazendo.

As barracas de doces, todas alinhadas a uma banda, eram frequentadas pelas pessoas gradas que se iam fornecer com o intuito de presentear os que não tinham vindo. As melancias vendiam-se em carros enramalhados de flores e tambem em cestos pousados no chão. A secura ardente parecia diminuir logo que se lhes arrancava a primeira fatia, o amplo ventre vermelho se patenteava aberto com o largo riso da boca d'um satyro.

Algumas barracas mais modestas vendiam rosarios, veneras e brinquetes para creanças, tudo por preços infimos. As familias comiam no chão formando grupos em volta do merendeiro, com a borracha ao lado impando de vinho. Procuravam alguns a fresca sombra de silvedo, arvore ou penedia, porém outros, os causticados pelas soalheiras dos campos na labuta diaria, faziam roda em qualquer parte, não temendo receber em cheio o dar-dejar faiscante do sol.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 1.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Grande Hotel do Porto

UM dos maiores factores do turismo é, sem duvida, um bom hotel.

E, a despeito dos mal dizentes, em Portugal alguma coisa ha já no genero, de confortavel, e se não fosse essa maldita guerra mais hoteis haveria que, com os actuaes, fariam um já bom reclame aos turistas.

O Porto necessitava de um hotel de luxo, e lá o tem agora mercê da rasgada iniciativa do sr. José de Oliveira Basto, que transformou o seu



Grande Hotel do Porto; de forma a ser um dos primeiros, se não o primeiro de Portugal.

Quem o visse ha dois ou trez anos, nunca julgaria que aquele antigo hotel, com o seu mobiliario pesado e com os seus quartos primitivos, se podia tornar um hotel magnifico.

E quando ha dias entrámos ali, a nossa surpresa chegou ao auge.

— Seria possivel d'um velho hotel fazer-se um soberbo palacio, para receber hospedes de luxo?!

Logo á entrada depara-se-nos, ornado de columnas de extraordinaria beleza, um vestibulo grandioso, que dá access ás salas de leitura, de visitas, de escripta, de conversação ao escriptorio e ao amplo corredor; por onde se vae á sala de jantar, ao ascensor e aos quartos de luxo.

Tudo isto foi feito por mãos de artista, e dirigido por um superior criterio de bom gosto.

A sala de jantar, vasta e bem disposta, abre as suas janelas para um

anglo do edificio. A enorme altura das suas paredes e a leveza do seu mobiliario, oferecem aos hospedes um certo bem estar, que não é commum em outros hoteis, onde entre outros defeitos, um cheiro a refugados domina o ambiente. Ali não—até parece que o hotel não tem cosinha. E tão admirados ficámos disso, que perguntámos onde é que ela estava.

Descemos então ao pavimento inferior e entrámos n'uma vasta e assejada cosinha, que nos impressionou agradavelmente.

E' que o seu proprietario soube atender com intelligencia e são criterio até ás mais pequenas minucias.

O ar é purificado por meio de ventoinhas electricas que o renovam constantemente.

Subimos aos quartos e ficámos maravilhados com o luxo e o conforto que encerram.

Desde os departamentos para familias e quartos com saleta, casa de banho, W. C. etc. aos quartos mais modestos, se nota o apurado gosto, que presidiu á transformação de todo o edificio.

No ultimo andar um vasto terraço, com um largo horizonte para toda a cidade, espera em breve receber a alta sociedade portuense, fraternizando com os turistas no chá das cinco, que o sr. Oliveira Basto ali vae promover.

Por toda a parte, muito ar e muita luz e até, as bandeiras dos quartos teem umas frestas de vidro por onde ele entra em permanente renovação.

Nos corredores, em largas molduras graciosas photographias, de costumes e paisagens portuguezas, embelezam as paredes.

Agua corrente, quente e fria abunda em todos os quartos. W. C. por toda a parte, assim como casas de banho.

Para terminar diremos que o Grande Hotel do Porto, dispõe de uma criada-gem tão bem educada, que parece que o sr. Basto, a foi recrutar a uma escola propria.

Todo o pessoal é attencioso e o sorriso bajulativo, não se vê na boca de nenhum criado, como tambem se não veem nodos de gordura na sua farda.

Nada mais ha a dizer do hotel, e as felicitações por tão grandiosa obra não as enviamos só ao seu proprietario, mas, á cidade do Porto, que pôde dizer tambem aos forasteiros mais exigentes, que a visitem, sem receio de encontrarem uma má instalação para seu repouso.